

Entre a coragem e o medo: uma análise de *A hora e vez de Augusto Matraga*

Between Courage and Fear: An Analysis of *A hora e vez de Augusto Matraga*

Célia Marília Silva*
celia.marilia1902@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Rosanne Bezerra de Araújo**
rosanne.araujo@terra.com.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: A presente pesquisa propõe uma leitura da novela *A hora e vez de Augusto Matraga* de João Guimarães Rosa, publicado em *Sagarana* em 1946. Adotaremos como procedimento de estudo a análise da relação estabelecida entre o medo e a coragem ao longo da narrativa e as relações sociais representadas por esta série. O objetivo deste artigo é mostrar que o medo move a narrativa ao passo que os personagens, em especial Nhô Augusto, se veem aniquilados por este sentimento, mas ao mesmo tempo é dele que ganham forças para prosseguir. A partir da compreensão dessa concepção, nos empenharemos por desenvolver uma discussão sobre como a categoria do medo pode denotar determinadas relações sociais, não só de modo isolado, mas também vinculado à coragem e ao poder. Para tanto, utilizaremos como suporte teórico *História do medo no ocidente* de Jean Delumeau (2009) e *A criação literária* de Massaud Moisés (2012).

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Medo. Coragem. Poder

ABSTRACT: The present research proposes a reading of the novel *A hora e vez de Augusto Matraga* by João Guimarães Rosa, published in *Sagarana* in 1946. This study will carry out the analysis of the established relationship between fear and courage throughout the narrative and the social relations represented by this series. The aim of this article is to show that fear moves the narrative while the characters, especially Nhô Augusto, are annihilated by it. Conversely, it is this very feeling that gives them the strength to proceed. Based on this understanding, we will seek to develop a discussion on how the category of fear can denote certain social relations, not only in an isolated way, but also linked to courage and power. To do so, Jean Delumeau's *História do medo no ocidente* (2009) and Massaud Moisés' *A criação literária* (2012) will theoretically base our discussion.

KEY WORDS: Narrative. Fear. Courage. Power

* Mestra em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

** Doutora em Letras (área de Literatura Comparada), professora associada do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Introdução

Interessa-nos, neste artigo, a análise da vinculação estabelecida entre o medo e a coragem e as relações sociais por estes figuradas na narrativa *A hora e vez de Augusto Matraga* de Guimarães Rosa.

Como orientação de leitura sobre o medo, teremos como principal fundamentação as reflexões de Jean Delumeau (2009) que integram o livro *História do medo no ocidente*, obra em que explica o funcionamento do medo ao longo dos tempos. O autor parte do princípio de que não só o indivíduo, mas as sociedades sempre mantiveram um diálogo com o medo, porém preferiram mantê-lo em silêncio, já que este nunca foi considerado um sentimento nobre entre os homens. Ao longo do texto, Jean Delumeau nos apresenta as mais variadas manifestações de medo e as relações estabelecidas com o sujeito, a comunidade e a época. Aponta ainda que, “Inerente à nossa natureza” (DELUMEAU, 2009, p. 25), o medo surge diante da insegurança – o sujeito é consciente das limitações da vida – e, principalmente, diante da certeza de que, enquanto homem, não detém a imortalidade. Estudiosos da temática afirmam que o medo foi silenciado por um longo período de tempo na história da humanidade e na arte literária, o que se deu devido uma relação estabelecida “entre o medo e a covardia, coragem e temeridade” (DELUMEAU, 2009, p.14). Na literatura, principalmente no período que compreende o avanço da burguesia e seus valores, havia a necessidade de prevalecer o herói, o imbatível, em oposição a uma grande quantidade de pessoas sem coragem – uma relação estabelecida entre o medo e o poder, algo necessário, principalmente até o período da Renascença. No entanto, aos poucos, a temática foi recuperando seu devido espaço no campo literário e revelando que tem um significado amplo e nenhuma relação com a covardia.

Para a análise estrutural da narrativa utilizaremos *A criação literária* de Massaud Moisés (2012), visto que endossará nosso conhecimento no que tange ao processo de elaboração da prosa, especificamente, a novela, uma vez que esta se localiza no entremeio conto/romance, deles se distinguindo pela sua pluralidade dramática – como uma soma de contos diversos e a sucessividade das unidades dramáticas que o compõe –, com ordem temporal linear, com ações no presente, mas como lembrança de “um passado indelevelmente presente na memória” do

narrador (MOISÉS, 2012, p. 345), que possui ponto de vista analítico e onisciente. Nota-se, em *Sagarana*, que o autor da preferência pela novela, gênero que, no prefácio da obra em questão, nas palavras de Paulo Rónai (2015, p.16): “alcança flexibilidade notável, modifica-se conforme o assunto, adapta-se às exigências do enredo”, pontualmente o que ocorre em *A hora e vez de Augusto Matraga*. Esta novela integra a obra supracitada e possui imensa carga humana que faz o intrépido protagonista sofrer as penosas consequências da valentia manifestada, passando a condição de moribundo e sujeito aos cuidados de estranhos, ao passo que ocorre um processo de renascimento enquanto outro, agora manso e bom, mas com ímpetos que fazem o leitor acreditar na possibilidade de retomada do personagem à condição inicial de vingador, algo a que parece escapar pelo fato de tomar a insana atitude de valentia que o ceifa a vida, porém, o redime. Pode-se, então, dizer que os acontecimentos, inesperados para o leitor, tornam *A hora e vez de Augusto Maraga* uma novela moderna.

As teorias supracitadas nos auxiliarão no processo de análise de *A hora e vez de Augusto Matraga*, narrativa que se divide em três partes ou conflitos/ células dramáticas – característica esta que, para Moisés (2012) é típica de uma novela, porém num “dinamismo acelerado” – em determinado espaço-temporal, tais: 1. Coragem mediante a força, o que o leva à queda (no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici); 2. Queda, renascimento e medo da punição divina (sertão que atravessa); 3. Retomada do caráter e redenção (arraial do Rala-Coco).

1 Sobre a novela

A hora e vez de Augusto Matraga narra a história de um homem de poder que perde tudo de material e todos os familiares, companheiros e serviçais em virtude da ignorância e da vingança. Porém, o protagonista tem a oportunidade de “renascer” e tomar atitudes mais brandas, além de ajudar ao próximo como forma de redenção dos pecados. A narrativa estrutura-se de modo circular, pois as ações finais do protagonista apontam para as mesmas proferidas na primeira parte do texto. No início, Nhô Augusto procura vingar-se do Major Consilva e os capangas, enquanto no final “se mete” com o bando de seu Joãozinho Bem-Bem, impedindo uma injustiça. O ciclo se fecha aqui em virtude da morte do protagonista. Vejamos.

2 Nhô Augusto, o homem de poder e coragem

Na primeira parte da narrativa, a ação e o espaço temporal apresentam um Augusto Estêves, das Pindaibas, ou “Nhô Augusto – o homem” (ROSA, 2015, p. 287), enquanto a típica representação do sujeito detentor do poder e, conseqüentemente, da coragem, que ao mesmo tempo contrasta com a sua presente situação social e financeira. Filho de grande fazendeiro, recém-falecido, entra em falência, mas não deixa de figurar o valentão que tudo compra, nada teme e põe medo aos que estão ao seu entorno.

Nota-se, nessa parte da novela, que o protagonista é pouco dado aos atos religiosos e quando, por ventura, os têm são lampejos ou apenas costume: “[...] transpunham o adro, e Nhô Augusto parou, tirando o chapéu e fazendo o em-nome-do-padre, para saudar a porta da igreja.” (ROSA, 2015, p. 290), pois mesmo presente em lugares tidos como sagrados ou situações ditas religiosas, o personagem age sem o devido respeito, como o que ocorre durante o leilão: “– Respeito, gente, que o leilão é de santo!...” (ROSA, 2015, p. 288), algo ignorado por Nhô Augusto ao arrematar Sariema. Pode-se afirmar que esse é, pois, o modo como o novelista avança para o tema que o interessa tratar na forma da escrita ficcional. Guimarães tece assim um misticismo dentro do espaço temporal desta narrativa que se alia aos medos do sujeito sertanejo, proprietário ou jagunço, conhecedor dos hábitos daquele universo magnífico, porém hostil. As personagens tendem, neste sentido, a se encorajar por intermédio do poder que exercem naquele espaço ou temer aos poderosos e outra variedade de situações relativas ao próprio espaço em que vivem ou à própria condição religiosa que põe em planos distintos, ao mesmo tempo castigadores, Deus e o Diabo.

Enquanto Nhô Augusto se desprende de atitudes religiosas, neste primeiro espaço-tempo da narrativa, outros personagens agem de modo contrário: é o que ocorre com a avó (que o criou) e a esposa Dionóra. Quando criança perdera a mãe, o pai era um “leso”, por isso quem o criou foi a avó. Religiosa que era, rezava todo o tempo e queria que o menino fosse padre. Já a esposa apegava-se em orações e promessas para ao menos melhorá-lo: “[...] pelo ou menos, até meio caminho direito” (ROSA, 2015, p. 291). A análise dessa passagem vai demonstrar a conjugação de duas vertentes – impiedade/poder e religiosidade – em torno do protagonista e que têm, no desenrolar da narrativa, uma relação direta com o medo provocado ou

sentido pelo herói, o que não se presencia ainda neste primeiro momento. É importante salientar que nesta ação da narrativa poucos eram os personagens que sentiam medo e, quando tinham, era provocado por intermédio do poder/coragem exercido pelo próprio Nhô Augusto ou do divino.

A relação medo e religiosidade faz-se evidente no decorrer da narrativa: primeiro pela avó e pela esposa de Nhô Augusto, depois pelos “pretos velhos” (pai e mãe do protagonista) e pelo próprio Nhô Augusto, que se entrega toda a segunda e parcela da terceira parte da narrativa ao medo do castigo divino diante das atrocidades que cometera ao longo da vida. Jean Delumeau (2009) discorre sobre o fato de que a ideia de um Deus vingativo é antiga, remonta o discurso religioso presente no Antigo Testamento:

Os homens de Igreja, aguilhoados por acontecimentos trágicos, estiveram mais do que nunca inclinados a isolá-la nos textos sagrados e apresentá-la às multidões inquietas como a explicação última que não se pode colocar em dúvida. De modo que a relação entre crime e castigo divino – já neste mundo – tornou-se uma evidência para a mentalidade ocidental (DELUMEAU, 2009, p.335).

Assim, todos os acontecimentos ruins, tais como a fome, a guerra, as doenças – os sofrimentos humanos de um modo em geral – eram interpretados pela Igreja e “mais geralmente pelos guias de opinião, como punições divinas” (DELUMEAU, 2009, p.335) mediante algo errôneo praticado pelo sujeito humano, pois se Deus é justo é natural que se vingue. Não obstante, nos parece que a narrativa em estudo aborda esta temática por intermédio das figuras da avó e da esposa do protagonista, como se elas acreditassem na possibilidade de Nhô Augusto vir a ser punido pelos tantos “pecados” cometidos. O medo dessa punição é o que de fato as levam a busca da intercessão divina, na perspectiva de vê-lo distante da hostilidade, da brutalidade em que se colocara ao longo da vida.

Com efeito, no princípio da narrativa Nhô Augusto encontra-se em meio à multidão que estava em um leilão da igreja. O narrador onisciente nos apresenta o protagonista como um da “multidão encachaçada de fim de festa” (ROSA, 2015, p. 287) a leiloar a “Sariema”, uma das “mulheres-à-toa”, como prova de poder ou superioridade sobre os demais:

E, aí, de repente, houve um deslocamento das gentes, e Nhô Augusto, alterado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em teso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:
– Cinquenta mil-réis!...(ROSA, 2015, p. 288).

Como se consciência do protagonista, o narrador parece deixar claro que o herói tinha conhecimento da sua própria condição – o que se faz necessário em cada etapa da narrativa, mediante as transformações do protagonista – de “homem” no ambiente em que se encontra. Enquanto “o homem”, Nhô Augusto enxerga-se como aquele capaz de desafiar qualquer sujeito, principalmente se desprovido de poder ou de classe social inferior a sua. Há neste episódio a figura de um capiau apaixonado por Tomázia “porque para ele ela não era Sariema” (ROSA, 2015, p. 289) e que a vê tomada pelo Nhô Augusto. Insatisfeito com o ocorrido, o capiau tenta recuperar Tomázia, mas consegue apenas “três pescoções” proferidos pelo leiloador. Enquanto poderoso, este abusa da posição em que se encontra e impõe sua vontade sobre a do próximo. A coragem de Nhô Augusto era mais altiva, dos excessos, da brutalidade e menos de sabedoria e prudência – virtudes primordiais, além da força física, no processo de aquisição da coragem. Justo esta falta de prudência é o que define o caráter valentão deste e, também, o que o leva à queda física, moral e de poder.

O protagonista, imprudente e negligente no que tange à situação financeira e social em que se encontra, deixa-se levar apenas pelo uso da força física e busca, por esse meio, vingar-se dos que o traíram: primeiro Major Consilva e capangas (que um dia antes trabalhavam para Nhô Augusto), depois o amante da esposa Dionóra, o Ovídio, e a própria esposa.

Observa-se que o narrador onisciente mais uma vez parece reavivar a memória do leitor para o fato de que conhece, de modo indestrutível, toda a história que se passou com a personagem:

Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. Demais, quando um tem que pagar o gasto, desembesta até o fim. E, desse jeito, achou que não era hora para ponderados pensamentos (ROSA, 2015, p. 295).

Ciente da coragem do herói, o narrador aponta para o fato de que o protagonista será detentor do poder por curto período de tempo: o que deveras acontece, pois, inerte à condição de pensar antes de agir, Nhô Augusto faz uso do poder e da força bruta como determinantes da coragem. Mas, aqui já não mais os tinha: o primeiro perdera para o próprio Major Consilva, quando deixou de pagar seus capangas – o que os levou a trocar de patrão e a exigirem o “pagamento” dos serviços até então prestados ao Nhô Augusto, seja financeira ou vingativamente; o segundo, quando invade a fazenda do rival sozinho procurando vingar-se. Nesta etapa da narrativa tem fim a primeira ação, exatamente com a tortura de Nhô Augusto, praticada pelos ex-capangas, agora capangas do Major, e o capiau apaixonado a quem provocara quando arrematou Sariema em leilão. Encontra-se, pois, quebrado de pancadas, picado de faca e tiros quando é marcado a ferro e salta o barranco: “era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo” (ROSA, 2015, p. 297). Dá-se aqui a passagem para a nova ação no processo narrativo, correspondente ao renascimento do protagonista e o surgimento do medo que sente da punição Divina.

2.1 Um salto, queda e o medo

A caminho do seu processo concreto de queda física, moral e social, Nhô Augusto Estêves depara-se com o medo. A corajosa decisão de enfrentar o Major foi uma atitude impensada, tomada mediante a raiva: “Antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas.” (ROSA, 2015, p. 295). Movido pela raiva o herói não atina para o fato de que era um contra um bando, por isso não bastaria apenas coragem.

Mediante o projeto impensado, o narrador direciona o leitor aos trágicos acontecimentos posteriores como se no próprio compasso do galope em que segue “Montou e galopou, teso para trás, rei na sela [...]” (ROSA, 2015, p. 295). O reconhecimento de que Nhô Augusto perdera a liderança nos é apontado astutamente em um jogo de palavras que contrasta com a situação em que se colocou o sujeito, ao passo que, furioso, cavalga em busca da vingança: “Assim, quase qualquer um capiau outro, sem ser Nhô Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodas sem jogar, fazendo umas férias na vida [...]” (ROSA, 2015, p. 295), mas eis que “em

pé nos estribos, trouxe a taca no ar, querendo a figura do velho [...]” (ROSA, 2015, p. 295). Ao querer “a figura do velho” a situação se inverte, o herói acaba por se entregar aos inimigos sendo agredido a pauladas ainda montado em seu cavalo e cai pela primeira vez. De joelhos, tentando se reerguer, Nhô Augusto se depara com o capiau apaixonado por Sariema:

E Nhô Augusto fechou os olhos, de gatura, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo para ajuntar à massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança (ROSA, 2015, p. 296).

No chão, de joelhos, olhando para o capiau, Nhô Augusto parece sentir medo pela primeira vez, provavelmente pela possibilidade de morte próxima, diante daquela inversão de valores, pois se antes era o opressor, agora se vê oprimido. A cena evidencia a passagem brusca da coragem, que figurava inabalável até então na figura do jagunço, ao medo que o guiará até o fim da narrativa. A continuidade da cena nos apresenta a reafirmação do nome do protagonista por intermédio dele mesmo: “... Só mesmo assim desse jeito, p’ra sojigar Nhô Augusto Estêves!...” (ROSA, 2015, p. 296) e a negação feita pelo Major e os seus capangas:

– Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaibas, minha gente?!...
E os cacundeiros, em coro:
– Não tem não! Tem mais não!...(ROSA, 2015, p. 296).

Há em torno desta afirmação/perda de identidade toda uma simbologia responsável por mover, por impulsionar, o protagonista no desenrolar da narrativa, principalmente no que tange ao medo que passa a sentir a partir desse momento. Entre os antigos, era apenas pela obtenção de um nome que “o espiritual e o material se tornavam unidade, um ser vivo se tornava uma personalidade, ou seja: magia do nome” (LUKER, 2003, p. 486). Se antes era o “homem” em virtude do nome Estêves agora, sem nome e quase morto, tornar-se Nhô Augusto Estêves – o Matraga, apresentado pelo narrador ainda nas primeiras linhas da novela: “Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves” (ROSA, 2015, p. 287), e adquire a condição de ser/não ser, nesta parte da narrativa, da perda da honra e da

masculinidade, de viver no entremeio e com medo de castigo maior advindo do poder divino.

A identidade do protagonista é, inicialmente, marcada pela bravura, pela brutalidade e altivez características do sujeito sertanejo e jagunço. Porém, Nhô Augusto acaba por perder os brios da jagunçagem e sua identidade finda resumindo-se ao medo de castigos divinos e de que algo pior do que já lhe acontecera pudesse mais uma vez recair sobre si. Se no início da narrativa sua identidade era marcada pela bravura, na segunda parte o que se observa é um indivíduo submerso no universo do medo, um sujeito avesso àquele que nos é apresentado antes da queda.

A negação da existência de Nhô Augusto: “Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves [...]”, na voz do opressor, condensa uma carga significativa no que tange à perda de identidade que envolverá o protagonista até o fim da narrativa, marcada por vezes pelo ambiente hostil que o envolve, pelas dores, pela ação de submissão a outros personagens, pela própria penitência a que submeteu etc.

O protagonista cai ainda na ambiguidade característica do próprio medo que, segundo Delumeau (2009), pode servir como mecanismo de defesa, mas também pode levar à morte. Diante da possibilidade da morte, surrado e aos gritos, carregado como um animal, praticamente desfalecido “com a cara encostada no chão” e prestes a ser arremessado do rancho do Barranco pelos carrascos, Nhô Augusto é ferrado com ferro em brasa e, na dor/susto, se joga barranco abaixo na tentativa de se livrar da morte. Dado por morto, o herói é resgatado, com um fio de vida, entre o mato do pé do barranco, por um casal de pretos que moravam num casebre ali na boca do brejo. Sob os cuidados do casal, delirando, com febre e todo quebrado, Nhô Augusto fala pela primeira vez pós-queda: “– Me matem de uma vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor...” (ROSA, 2015, p. 297). Percebe-se aqui uma alteração no discurso do protagonista, pois se antes da queda o discurso em tom religioso era proferido por outrem, agora ele mesmo o profere. É na luta incessante pela vida que o protagonista parece temer os males e mortes que causara a outros. Diante da morte, o herói passa a ter medo dos “pecados”¹ cometidos e, assim, experimenta a angústia de não saber se será perdoado: “Mas será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que eu fiz, e tendo nas

¹ Toma-se aqui a palavra pecado enquanto violação da doutrina, dos ensinamentos religiosos.

costas tanto pecado mortal?!” (ROSA, 2015, p. 299). Se na primeira parte da narrativa a mãe e a esposa rezavam por ele, nesta segunda parte tem-se a figura da “preta/mãe” Quitéria que reza por e com ele, junto à figura do “preto velho/pai” Serapião e do padre.

A queda parece enaltecer a ideia de castigo que se cumpre, de penitência para a obtenção do perdão divino. Esta, por sua vez, ainda se soma ao encontro com os pretos que o resgatam e a quem, ironicamente, acaba adquirindo amor de pais – o que, de fato, nunca tivera. O homem branco, poderoso, machista, sertanejo e corajoso passa ao dependente, medroso, filho de pobres pretos velhos, fadado ao trabalho incansável na busca incessante da remissão dos erros que perpetrara, ou seja, um homem humilhado, visto que para o homem sertanejo o que impera é o valor que se atribui à bravura, à força e à coragem do sujeito “macho”.

Desencontrado do mundo real, Nhô Augusto se projeta diante do medo que sente do provável castigo divino para as maldades que cometera, como se na tentativa de reerguer-se: “E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando” (ROSA, 2015, p. 301). Mergulhado num universo oposto ao que vivera até então, o herói parece renascer e buscar incessantemente o perdão divino por intermédio da reza e do trabalho físico exaustivo: provavelmente, penitência necessária para perdão. Inicia-se aqui uma das temáticas mais evidenciadas nas obras roseanas: a travessia, porém, nesta novela, acrescida do medo e do misticismo que acompanham o sujeito.

Meses após todo sofrimento de dores e chagas, Nhô Augusto levanta-se escorado em muletas e cheio de planos para o recomeço de uma nova vida, longe daquele lugar. Praticamente fugidos “Largaram à noite, porque o começo da viagem teria de ser uma verdadeira escapada” (ROSA, 2015, p. 301), Nhô Augusto inicia a travessia do sertão rumo ao norte junto à “preta e ao preto velho”, para o povoado Tombador, onde lhe restava uma casinha. Este trajeto denota a passagem do estilo de vida desregrado do protagonista para uma forma de vida dada ao trabalho e doação ao outro:

Todos gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo; e compreender deixaram para depois.

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros (ROSA, 2015, p. 302).

Assim viveu o herói por aproximadamente seis anos e meio, rezando a jaculatória que o padre lhe ensinou e todas as rezas que aprendera, sem vício de bebida ou cigarro, quando passou por lá, à procura de uma boiada perdida, o Tião da Thereza – velho conhecido de Nhô Augusto. Sem que ninguém o pedisse, Tião foi apresentando logo as notícias sobre aqueles que Nhô Augusto deixara para trás: Dona Dionóra ainda estava amigada com seu Ovídio e pensando casar na igreja; a filha “tinha caído na vida”; o Major Consilva arrematara as fazendas de Nhô Augusto e era o mandante no Murici; Quim Recadeiro tentou vingar a morte do patrão e acabou morto. Deste dia em diante, o herói passa a sentir tristeza e com ela uma “vontade de fazer coisas malfeitas”.

Nhô Augusto, mais que nunca, refletia se seu tempo de credices não causara a perda de sua “força de homem”. Nesse processo reflexivo o protagonista enfrenta mais uma vez o medo do castigo divino: “– Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homênia, será que eu posso mesmo entrar no céu?!...” (ROSA, 2015, p. 304). Há aqui um misto da própria condição do sujeito “masculino/sertanejo” bravo, que se vê desonrado e submisso, com medo do divino, como se o fato de não ser mais o vingativo e matador o fizesse perder a masculinidade, fato que antagonicamente somado às maldades por ele cometidas até então, não o levariam ao reino dos céus. O medo que sente parece agora fazer disparar um alarme que permite ao sujeito a possibilidade de “uma reação de defesa e de ataque” (DELUMEAU, 2009, p. 38) e, por vezes, paralisia, como podemos observar na seguinte passagem: “–Tem horas em que fico pensando que, ao menos por honrar o Quim, que morreu por minha causa, eu tinha ordem de fazer alguma vantagem... Mas tenho medo...” (ROSA, 2015, p. 305), em que Nhô Augusto se vê encurralado entre o desejo da vingança e o medo da punição, mas também é, antagonicamente, o indicativo de que não deixara de ser homem “macho”, de força e bravura, o homem sertanejo que não desiste facilmente e que, porém, não deixa de temer a Deus. O medo, por sua vez, lhe é maior: “Tenho é de ficar pagando minhas culpas, penando aqui mesmo, no sozinho. Já fiz penitência esses anos todos, e não posso ter prejuízo deles!” (ROSA, 2015, p. 305-306). Tomado pelo desejo de ser santo, o herói deixa-se vencer pelo medo, porém, paralelo ao medo retoma outros hábitos como tragar e beber – agora já sem culpa, e com alegria. É exatamente neste momento da vida de Nhô Augusto que se inicia o processo de mudança na ação da narrativa, rumo à redenção do herói.

2.2 Redenção

Na busca pela redenção dos pecados até então cometidos, Nhô Augusto se vê diante do medo: primeiro porque atribuíra a punição divina ao fato de ter que passar por tamanho sofrimento (perda da família, queda, dores físicas, fuga etc.); depois por acreditar que era mediante o sofrimento que conseguiria o perdão de Deus e a entrada no céu. Perante esse impasse, mais parece valer ao protagonista, até então, o preceito religioso de que “o homem nada pode contra a morte, mas – com a ajuda de Deus – lhe é possível evitar as penas eternas” (DELUMEAU, 2009, p. 51). Nhô Augusto parece tomado pelo medo do divino, o que, de modo, o impede de ser humano como os demais ao seu entorno. Essa condição a que se propõe o protagonista parece ser também obstáculo no processo crítico do sujeito, tendo em vista que a partir do momento em que decide esperar “sua hora e sua vez” só lhe interessa fazer o outro feliz, mesmo que para isso tenha que sofrer mais. Porém, as notícias sobre o que remontam sua vida antes queda parecem fazer a personagem atinar para o fato de que cumprira muito tempo de penitência e alguns prazeres mundanos não seriam pecado diante das orações e atos de bondade realizados.

Neste aspecto, Nhô Augusto, apesar de ter medo da punição divina e de se deixar levar pelas orações e penitências, em determinado momento adquire a capacidade de perceber o sucesso funesto em que vive após a queda, por isso passa a buscar meios para sair daquela situação. Provavelmente, a perda do poder, do nome, a negação aos vícios e a submissão àqueles que o circundam, o que reforça sua nova posição social, começam a despertar no herói a sensação de incapacidade, de punição extrema – dado que se torna mais explícito com a chegada do bando de seu Joãozinho Bem-Bem, mas que tem início pouco antes deste ocorrido, quando a felicidade provocada pelo retorno aos antigos vícios se mistura com as rezas: “Não, não era pecado!... E agora rezava até muito melhor e podia esperar melhor, mais sem pressa, a hora da libertação!” (ROSA, 2015, p. 307), como em um processo que o reergue, com menos culpa, menos sofrimento, mais alegria, mas acompanhado da oração como garantia para não perder o que já fora conquistado.

Pode-se notar que as pessoas do lugarejo temem a chegada do bando: “O povo não se mexia, apavorado, com medo de fechar as portas, com medo de ficar na rua, com medo de falar e de ficar calado, com medo de existir” (ROSA, 2015, p.

307), insegurança advinda, provavelmente, do fato de que sabia serem mais fracos e sujeitos a agressões, ao abandono e até à morte. Porém, a figura do protagonista mostra-se agora audaz diante do bando, chega a oferecer-lhes hospedagem e comilança em sua própria casa, um processo prazeroso que parece fazê-lo mais homem. Feliz entre os jagunços, Nhô Augusto saca arma e atira. Na saída do bando, sente-se tentado com o convite de seu Joãozinho Bem-Bem para segui-los. Sem aceitar, vive um misto de vontade de fazer e medo do castigo divino “com mão mais dura...” (ROSA, 2015, p.313). Mas é nesse momento que atina para o fato que “essa história de se navegar em religião, e querer tirar sua alma da boca do demônio, era a mesma coisa que entrar num brejão, que, para a frente, para trás e para os lados, é sempre dificultoso e atola sempre mais” (ROSA, 2015, p. 313), como se estivesse agora encurralado. A partir deste ponto, a narrativa começa a revelar um Nhô Augusto cheio de vida, saudoso, que gosta da tentação, do perigo e da conquista, mas que a tudo resiste apenas com a reza. Ele já não mais se vê no ambiente em que vive e, por isso, resolve partir atravessando o sertão, rumo ao sul – livre, podia ir onde o jogue em que estava montado o quisesse levar.

Nota-se que o narrador dá voz ao personagem na passagem: “– Qualquer paixão me adiverte..., Oh coisa boa a gente andar solto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus” (ROSA, 2015, p. 318), como a dizer que o herói não depende mais do medo da punição, sentindo apenas a sensação de penitência cumprida, porém sem abandonar a oração – instrumento final no processo de redenção. Vale ressaltar que o uso da palavra “adiverte” nessa passagem permite a brincadeira de significados entre o uso na linguagem sertaneja e na própria oralidade, visto que o primeiro tange ao sentido de entretenimento, enquanto o segundo (adverte) concerne ao ato de prevenir ou atentar para, de modo a deixar ver a trajetória paralela em que se encontrava Nhô Augusto, uma trajetória repleta de prazeres e perigos, distrações e cuidados, entre o Deus e o Demônio. Era, assim, feliz, porém atento aos perigos que poderiam desviá-lo do reino do céu.

Ao entrar no arraial do Rala-Coco, Nhô Augusto depara-se com o bando de seu Joãozinho Bem-Bem que queria vingar a morte do jagunço Juruminho com a morte de um familiar do assassino, mas estes nada tinham a ver com o crime. O velho, pai do assassino, pede a intervenção de Deus e eis que, pensando injusta a vingança, Nhô Augusto coloca-se a favor do pai, o que provoca a ira de seu Joãozinho Bem-Bem: “– Pois então... – e Nhô Augusto riu como quem vai contar uma anedota – [...],

é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...” (ROSA, 2015. p. 323). Entre tiros e facadas, ambos acabam morrendo. Porém, o herói morre como santo: “– Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim...” (ROSA, 2015, p. 325). Augusto Matraga pede para o primo João Lomba colocar benção na filha Mimita e avisar para Dionóra “que está tudo em ordem”, e morre. Morre como o “nada” que representa o nome que lhe é posto pelo narrador nesta passagem (Augusto Matraga), tendo certo significado ainda no início da narrativa, e como Santo – doando a própria vida pelo outro, redimindo-se dos pecados – ao menos para o povo do arraial do Rala-Coco e para ele próprio que teve “sua hora e sua vez”, corajoso perante os homens, mas temente a Deus.

Conclusão

A hora e vez de Augusto Matraga trata não apenas de um misticismo, como muitos críticos retratam, a exemplo de “uma matriz narrativa [...], voltada para a redenção do ser, numa perspectiva das narrativas de crise mística” (SILVA NETO, 2008, p. 125), como também aborda a temática da coragem e do medo que envolvem o ser humano.

Com efeito, observando-se os três momentos da narrativa (1. Um homem de poder e coragem; 2. Queda e medo; 3. Redenção), nota-se que o poder e a coragem estão intimamente ligados e há toda uma segurança do protagonista em um primeiro momento, mas, ingenuamente, a coragem que tem também é o que o move em direção ao medo que o isola e o permite recomeçar, levando-o a passar por todo um processo místico em busca da almejada redenção. Nhô Augusto projeta-se diante do medo na tentativa exaustiva de conseguir o perdão dos pecados e a entrada no reino do céu. Se, em primeiro momento, o universo do fazendeiro jagunço serve de espaço para prosperar a ideia de poder e coragem, logo em seguida o universo do Nhô Augusto acolhido por um casal de negros que foge com ele em busca de nova vida, alimenta suas angústias e medos, enquanto o universo do Nhô Augusto em meio a jagunços e a procura de “sua hora e sua vez” (redenção), no final da narrativa, sustenta a ideia do enfrentamento dos medos vivenciados pelo herói.

Assim, a narrativa roseana permite o flagra da condição humana em meio a um universo sertanejo hostil em que mais vale a coragem, pois o medo seria a mais alta

representação da vergonha, por isso, o protagonista parte para o desafio e enfrenta os perigos que podem levá-lo à glória: obtenção do perdão, neste caso.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado; trad. de notas Heloísa Janh. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Trad. Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOISÉS, Maussaud. A novela. In: _____. *A criação literária: poesia e prosa*. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2012. p. 334-380.

ROSA, João Guimarães. A hora e vez de Augusto Matraga. In: _____. *Sagarana*. Prefácio de Paulo Rónai. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 287-325.

SILVA NETO, João Gomes da. O sertão de penitência de Augusto Matraga: aspecto da narrativa mística em Guimarães Rosa. In: FÁVERO, Afonso Henrique; PATRINI, Maria de Lourdes (Org.) *Scriptoria III: ensaios de literatura*. Natal: EDUFRN, 2008. p. 125-139.

Recebido em 14/01/2018

Aceito em 17/05/2018

Publicado em 10/06/2018